



PUC-SP RELEMBRA GOLPE DE 1964 EM ATO EMOCIONANTE

As entidades APROPUC, AFAPUC, Comissão da Verdade, CAs e Coletivos da PUC-SP organizaram no dia 1/4 um ato na Prainha que contou com a participação da comunidade puquiiana relembrando a barbárie que representou o golpe militar de 1964 para a sociedade brasileira.

Antecedendo o ato foram interpretadas músicas do período da ditadura pelo professor Pedro Aguerre e Carlos André. Os trabalhos foram comandados inicialmente pela professora Heloisa de Faria Cruz, da Faculdade de Ciências Sociais, que abriu a atividade convidando a reitora Maria Amália Andery que, por sua vez, iniciou com um breve depoimento. Para ela, "não esquecer é resistir, porque não esquecer é ser ativamente contra. Essa universidade foi contra a

ditadura antes e será contra qualquer arremedo de ditadura agora", disse. A seguir os estudantes dos centros acadêmicos onde militavam os cinco jovens da PUC-SP assassinados pela ditadura falaram sobre cada um deles.

Ana, do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, relembrou a trajetória de Luiz Almeida, jovem alagoano, que ingressou em História, na PUC-SP, em 1966. Militando na ALN (Ação Libertadora Nacional) foi preso em junho de 1971 e em agosto do mesmo ano foi dado como morto. Foram tidos como responsáveis pela morte de Almeida, Carlos Alberto Brilhante Ulstra (torturador que Bolsonaro tem como ídolo) e o Cabo Anselmo.

Alberto, do CA de Direito, falou sobre Carlos Alberto Pires

Fleury. Segundo o estudante, Fleury era muito preocupado em passar o conhecimento adquirido na universidade para a população. Segundo os órgãos de repressão ele teria morrido em 1971 numa troca de tiros, porém os dados divergem dos fatos constatados pelo irmão de Fleury.

Ana Laura, também estudante de Direito, falou sobre José Wilson Sabag. Transferido para a PUC-SP em seu terceiro ano da graduação em Direito, em sua carta de transferência foi vivamente recomendado pelo seu antigo diretor. Uma das primeiras lutas de José Wilson foi contra o acordo Mec-Usaid que tornava o ensino mais técnico. Foi preso no Congresso da UNE, em Ibiúna, e ficou detido, ao contrário de muitos colegas que foram soltos logo

a seguir. Tempos depois ele sofreu uma emboscada e foi morto por policiais num apartamento.

Karina, representante do CA de Filosofia, falou sobre Maria Augusta Thomaz que foi dada como desaparecida em 1973 quando militava no Movimento de Libertação Popular (Molipo). Em 1968 ingressou no curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Instituto Sedes Sapientiae, agregado à PUC-SP. Também foi presa no XXX Congresso da UNE, em Ibiúna. Militou na ALN e, depois de se exilar por um período em Cuba, voltou ao Brasil e se estabeleceu em Goiás junto com o companheiro, onde ambos fo-

continua na próxima página

PROFESSOR
ASSOCIE-SE À
APROPUC

FUNCIONÁRIO
Fortaleça sua entidade!
Associe-se
à AFAPUC

continuação da página anterior

ram assassinados de maneira brutal pela repressão.

Vinicius do Carmo, do CA de Economia, relatou a história de Cilon Cunha Brum, ex-presidente do CA Leão XIII, que em 1969 participou da luta armada no Araguaia como militante do PCdoB. Brum foi morto e a sua família nunca teve acesso ao corpo. Anos depois a família descobriu o nome do militar que o assassinou e ficou impune.

PROFESSORES

A professora Heloisa lembrou que a PUC-SP tem uma história de resistência não só pelo seus alunos assassinados, mas pelo acolhimento que deu aos professores que durante o regime militar foram expulsos de suas universidades.

A professora Yvone Avelino, do departamento de História, relatou a sua experiência nos anos da ditadura. A docente contou algumas situações vivenciadas por ela durante o período em que foi professora da USP. Num primeiro momento de repressão sua classe foi violentamente invadida, com os soldados à procura de um aluno que mais tarde foi morto sob o jugo do delegado Sergio Paranhos Fleury.

Yvone passou a ser perseguida por integrar comissões na USP e foi chamada a depor e ameaçada por policiais quando estava grávida. Em outro depoimento, quando ficou um dia inteiro frente aos militares, encontrou-se com um aluno, que na verdade não era estudante, mas agente infiltrado. A professora afirmou que não sofreu torturas, mas esses episódios marcaram-na fortemente, destroçando-a por um longo período. Somente quando ingressou na PUC-SP foi que Yvone pode respirar novamente democracia, depois de ser cassada como docente na USP. Yvone



Alguns momentos do ato: acima a profa. Rosalina Santa Cruz encerra o ato ao lado de Heloiza de Faria Cruz, ao centro prof. Jorge Cláudio e à esquerda profa. Yvone Avelino; ao centro a fala dos estudantes, os músicos que abriram o evento e a fala da reitora; abaixo os funcionários da SAE e do Pós que se vestiram de negro em repúdio à ditadura de 1964.

finalizou dizendo: "A PUC-SP nos faz envelhecer com dignidade e aqui eu quero envelhecer".

Jorge Claudio Ribeiro, do departamento de Ciência da Religião, falou de suas experiências como professor da universidade durante os anos 70 e 80, quando a PUC-SP sofreu duros golpes do regime militar. Jorge, que à época editava o jornal Porandubas, da PUC-SP, produziu dois vídeos, que hoje estão no YouTube. Um sobre a invasão da universidade em 1977 pelas tropas do Coronel Erasmo Dias, "Não se Cala a Consciência de um Povo", que hoje é uma referência obrigatória para se entender o período. Em outro trabalho, que pode também ser encontrado em seu canal, o professor relata os incêndios criminosos que destruíram o TUCA em 1984.

Jorge Claudio relatou tam-

bém sua experiência como estudante na Escola de Comunicações e Artes da USP, quando vivenciou o assassinato de Vladimir Herzog, professor da ECA. Através da leitura de seu mais recente livro "Ela me tira pra dançar" lembrou como o jornalista Sergio Gomes, preso junto com Vladimir, viveu aqueles momentos.

Finalizando o ato, a palavra foi concedida à professora Rosalina Santa Cruz, do departamento de Serviço Social. A professora contou, em um relato emocionante, alguns episódios de sua vida, onde a perseguição do regime militar se estendeu por boa parte de sua família. Santa Cruz participava da Ação Popular, tendência ligada à Igreja. Em sua primeira prisão ficou encarcerada durante um ano e dois meses, no Rio de Janeiro, ficando vários dias

no "pau-de-arara" sofrendo torturas, isolada por 54 dias. No Doi-Codi do Rio, Santa Cruz ficou na chamada geladeira, uma cela minúscula sem iluminação, onde não cabia ninguém deitado e só se ficava de pé ou acororado. Mas as perseguições da ditadura também atingiram o seu irmão, Fernando Santa Cruz, até hoje tido como desaparecido, mas que, segundo relatos, foi levado à casa da Morte no Rio de Janeiro, onde foi morto tendo seu corpo incinerado na Usina de Carapibus.

Para Rosalina a tortura não parou, ela continua ainda hoje quando pobres e negros são torturados em delegacias. O ato foi encerrado com uma leitura de alguns nomes de mortos e desaparecidos do regime militar. A íntegra do debate pode ser vista em <https://www.apropucsp.org.br/>

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Sthefane Mattos

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e

Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Jason Tadeu Barba, Victória C. Weischtordt, Nalcir Antonio Ferreira Jr. e Maria Helena Gonçalves Soares Borges

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Ministro Godoy 1055 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8208 – Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br
– PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

Democracia, educação, universidade: pequena contribuição ao debate

Carlos A. Giovinazzo Jr.

Vivemos uma situação histórica em que tendências e grupos sociais, no Brasil e no mundo, têm sistematicamente colocado em risco a democracia. Aqui não é o espaço para uma análise das razões que explicam tamanho retrocesso e, também, para enumerar os eventos que constituem as manifestações objetivas de tais tendências e os grupos que as sustentam. Ainda assim, não se pode deixar de mencionar seus efeitos na educação em geral e na universidade em particular: está em curso um projeto de intervenção nos estabelecimentos de ensino (da educação infantil à superior), capitaneados por segmentos sociais antidemocráticos e avessos à diversidade de ideias, ao debate de propostas e ao confronto de posições divergentes, enfim, contrário àquilo que enriquece a experiência humana. Essa tentativa de intervir na educação avilta um dos princípios fundantes do regime republicano, qual seja, a liberdade que cada um dos cidadãos deve gozar para expressar seus interesses e realizar suas potencialidades.

Em outros termos, no campo educacional está em perigo a possibilidade de os professores de todos os níveis e modalidades de ensino exercerem seu protagonismo no que diz respeito à promoção de valores

como justiça, diversidade, pluralidade, igualdade e solidariedade, necessários para alcançarmos um país justo, social e culturalmente rico e desenvolvido. Ora, esse tipo de controle (e repressão) sobre o trabalho pedagógico constitui atentado ao que a Constituição Federal assegura aos educadores - liberdade de cátedra e de ensino - e aos estudantes - direito de aprender e ter acesso ao conhecimento, às formas de pensamento, à arte e a cultura em geral. Tal situação não é uma ameaça somente para a educação. Está em jogo a garantia dos direitos consolidados ao longo da história brasileira, principalmente pela ação dos grupos sociais e das pessoas que sofreram, e ainda sofrem, a opressão, resultado das desigualdades que caracterizam nossa sociedade.

Essas circunstâncias mais uma vez nos obrigam a refletir sobre a função social da universidade e, em especial, sobre o papel desempenhado pela PUC-SP ao longo de sua história. Em outros tempos, esta instituição se posicionou, por meio de seus professores, alunos e dirigentes, contra a ditadura militar, constituindo-se em baluarte da luta pela volta da democracia no Brasil. Não é necessário citar as ações, e os nomes envolvidos nelas, que outorgaram à PUC-SP um lugar de destaque no cenário político brasileiro. Aliás, o engajamento desta Universidade nas questões

sociais, consubstanciado inclusive no desenvolvimento de uma infinidade de projetos de extensão e de pesquisa, é uma de suas marcas distintivas, conferindo-lhe prestígio em relação a outras instituições privadas e as de caráter comunitário. Inclusive, esse é um fator que atrai muitos de nossos estudantes, que antes do ingresso sabem o que encontrarão: um ambiente acadêmico propício ao livre pensar, que promove o respeito às divergências, e no qual o debate sobre os problemas da sociedade brasileira, e as consequentes ações, enriquece a experiência de formação proporcionada em todos os seus espaços; também sabem que a PUC-SP acolhe às diferenças e estimula a diversidade. Desse modo, temos que reconhecer que, em grande medida, são essas características, cultivadas por toda a comunidade acadêmica (funcionários, alunos e professores), que dão sustentação à PUC-SP e garantem a excelência no ensino oferecido.

Nesse momento crítico, portanto, esta Universidade tem a responsabilidade de contribuir decisivamente para o fortalecimento da democracia. Não nos é permitida a omissão.

A defesa desses princípios e fundamentos é necessária porque, assim, a PUC-SP continuará a desenvolver-se e realizar-se como Universidade (na acepção plena do termo),

assumindo uma vocação que já é a sua e que foi construída historicamente por todos aqueles que nela atuaram no passado e atuam no presente. A educação é o lócus onde os estudantes podem ser formados tendo como referência a democracia e a solidariedade (e não o autoritarismo, o ódio, a frieza e a indiferença ante o outro). E esses objetivos só são realizáveis se as escolas de educação básica e as universidades estiverem estruturadas e organizadas exatamente em função de sua consecução. Quer isso dizer que qualquer projeto educacional comprometido com a democracia não pode negligenciar o fato de que a formação de pessoas democráticas requer relações democráticas nas salas de aulas e nos demais ambientes universitários.

Se as relações, as práticas sociais e o ensino, no interior dos estabelecimentos de educação, não estiverem pautados em valores e princípios democráticos, dificilmente os estudantes alcançarão a autonomia e se tornarão ardentes e entusiasmados defensores da democracia. A gravidade do momento político atual nos impõe a reafirmação e o fortalecimento das posições assumidas por esta Universidade no transcurso do processo que promoveu o frágil regime democrático brasileiro.

continua na próxima página

continuação da página anterior

ro. E isso não se faz tão somente com manifestos endereçados à sociedade, mas com ações efetivas que trazem visibilidade para a maneira como nós, funcionários, alunos e professores, realizamos nosso projeto educacional pautado na democracia.

A luta é para que esta universidade se constitua verdadeiramente em um espaço no qual a ciência e a cultura sejam constantemente renovadas. E isso só é possível se forem garantidas a troca de experiências, o debate de ideias, o confronto entre perspectivas políticas distintas e a livre divulgação de conhecimentos referenciados nos mais diversos matizes. Tudo isso pode implicar em crítica e revisão, o que só contribui

para o revigoramento da própria universidade. Condição sine qua non para isso é uma estrutura acadêmica e administrativa que proporcione a professores e estudantes situações de ensino, de aprendizagem e de socialização condizentes com os valores e fundamentos definidores da noção de universidade. Para reforçar esse posicionamento recorre-se a um pequeno artigo de Walter Benjamin, escrito em 1912 e intitulado A reforma escolar: um movimento cultural. O autor se refere à universidade e assevera que "(...) a mais urgente necessidade da pedagogia moderna não é outra senão a criação de um espaço adequado para a cultura autodesenvolver-se".

(1) Ora, tal tarefa não está restrita à sala de aula, mas inclui e engloba todos os

espaços acadêmicos, já que neles há aprendizagem e formação.

A defesa da universidade não pode prescindir de uma prática educativa pautada em valores humanísticos e republicanos, como liberdade, autonomia, solidariedade e igualdade, o que, por sua vez, somente se realiza se a organização, a estrutura acadêmica e administrativa, bem como a prática pedagógica, estiverem em consonância com tais valores. Dito de outra maneira: a universidade continua sendo um espaço potencial de resistência a certas tendências e forças sociais que militam contra o pensamento, a cultura e a ciência; mas isso depende de a própria universidade resistir, mantendo-se fiel àquilo que pode torná-la definitivamente relevante: a busca constante e radical pela realização de

sua função formadora de indivíduos preñes de humanidade e capazes de intervir com consciência na realidade social, claro, sem negligenciar a produção de conhecimento socialmente orientado para a promoção de melhores condições objetivas e subjetivas de existência para todos os seres humanos.

(1) BENJAMIN, Walter. La reforma escolar: un movimiento cultural. In: _____. La metafísica de la juventud. Barcelona: Paidós I.C.E./U.A.B., 1993, p. 47-52.

Carlos A. Giovinazzo Jr. é professor e coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

ASSEMBLEIA PRÓ-APG

A Associação dos Pós-Graduandos da PUC-SP está inoperante há cinco anos, o que traz prejuízos à representação discente na universidade e nas entidades representativas da Pós-Graduação, dificultando a efetivação de pleitos da nossa comunidade. Comunicamos que será dado início ao processo de sua reabertura em Assembleia Geral Discente. A reconstrução democrática, plural e inclusiva desse importante espaço depende do engajamento do maior número possível de pós-graduandas e pós-graduandos dos 30 programas que compõem a Pós da PUC-SP. Junte-se a essa luta.

Coletivo APG

Para obter outras informações do coletivo Pró-APG escreva para coletivoproapg@gmail.com.

A próxima assembleia geral discente será realizada dia 09/4, às 19h, no auditório 239

MOVIMENTOS SOCIAIS

Continuam os desmandos no Ministério da Educação

O ministro Ricardo Vélez-Rodríguez, da Educação, continua em sua saga para se perpetuar como o maior atraso na vida cultural deste país. Agora o pensador colombiano quer mudar os livros didáticos de história para suprimir a interpretação de 1964 como ditadura. Em entrevista ao site do jornal Valor, Velez afirma que "haverá mudanças progressivas [nos livros didáticos] na medida em que seja resgatada uma versão da história mais ampla", afirmou. "O

papel do MEC é garantir a regular distribuição do livro didático e preparar o livro didático de forma tal que as crianças possam ter a ideia verdadeira, real, do que foi a sua história", disse, quando perguntado sobre o assunto.

Ex-assessores de Velez afirmaram publicamente que se trata de uma tentativa desesperada para manter-se no cargo, uma vez que suas decisões, em poucos dias, já provocaram grande reação nos meios culturais brasileiros.

Mas não é só a gestão Velez que ameaça a educação brasileira, segundo o jornal O Globo um novo corte no orçamento do Ministério de Ciência e Tecnologia ameaça o pagamento de bolsas de estudo e a produção científica brasileira. Esse corte, somado ao contingenciamento de 42,2% das verbas previstas para a pasta em, 2019, coloca em risco as pesquisas em andamento no país e o trabalho de pesquisadores fora do Brasil.

Novas ameaças a projetos culturais em São Paulo

O governador João Doria recuou da intenção de demitir funcionários do Projeto Guri e afirmou na sexta-feira, 29/3, que o projeto deve continuar como está. A movimentação da sociedade civil e da imprensa de uma maneira geral fez com que o governador recuasse do chamado contingenciamento de verbas.

Porém o contingenciamento não tingiu somente o Projeto Guri. Outras áreas culturais estão ameaçadas de terem suas atividades encerradas, como a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, o Theatro São Pedro, a Pinacoteca do Estado, o Museu Afro Brasil, entre outras.

Embora o contingenciamento seja de 3,5%, a Cultura teve uma redução de 22,95% em seus já poucos recursos. O desmonte da cultura brasileira, que teve início com Bolsonaro, chega aos estados onde governadores que apoiaram o ex-capitão se elegeram.

Solidariedade aos moradores da Favela do Cimento

Os moradores da Favela do Cimento, que foi duramente atingida por um incêndio criminoso, continuam precisando da solidariedade da população. Os moradores da Favela encontram-se hoje em situação precária, instalados em barracões improvisados e precisam de doações de alimentos, produtos de higiene, roupas e mantimentos para crianças, como mamadeiras e fraldas. A APROPUC está recebendo em sua sede doações que serão remetidas à Pastoral da População de Rua. A APROPUC fica na Rua Bartira, 407, ao lado da PUC-SP

LANÇAMENTO E DEBATE

AUDITÓRIO APROPUC

16/04 19:30h

O GOLPE DE 2016

Razões, Atores e Consequências

FIPeQ

RUA BARTIRA, 407 - PERDIZES

APROPUC

<https://www.apropuc.org.br/>
<https://twitter.com/apropuc>
<https://www.youtube.com/apropuc>
https://www.instagram.com/apropuc_sp/
<https://www.facebook.com/apropuc/>

ROLA NA RAMPA

Suicídio é tema de debate na PUC-SP

Na quinta feira, 28/3, no auditório 239, aconteceu a palestra "Suicídio e depressão: do desespero a esperança". Realizado pela Pastoral Universitária, PUC-SP e Curso de Jornalismo da PUC-SP, a mesa teve a presença da Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco, Prof. Dr. Marcelo Prioste, Prof. Dr. Urbano Nobre Nojosa e Prof. Ms. Hudson Mandotti de Oliveira. A depressão é uma doença que atinge 300 milhões de pessoas pelo mundo inteiro e 800 mil

morrem por suicídio a cada ano, sendo a principal causa de morte entre os jovens, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Hoje o Brasil é o país que apresenta o maior número de pessoas com depressão da América Latina, cerca de 5,8% da população. O transtorno que ainda sofre preconceito na sociedade, se tornou um problema de saúde pública. Todo estudo e discussão é uma das formas mais eficientes para prevenção. Foram debatidos na oca-



STHEFANE MATTOS

A mesa do debate sobre suicídio

sião: suicídio e luto; o que favorece o suicídio; prevenção secundária; saúde pública; como identificar a doença; relação entre homens e mulheres; causas; sobreviventes de suicídio (enlutadas por suicídio); cinema retratando o suici-

dió e a morte como uma série de cultura. Após a palestra foi informado como procurar ajuda para esse mal: nas Unidades Básicas de Saúde (Caps) e no Centro de valorização da vida (CVV) pelo telefone 188 (ligação gratuita).

Sinpro-SP disponibiliza boleto para contribuição sindical

O Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP) está disponibilizando em seu site um link para que os professores paguem a contribuição sindical. O docente poderá acessar o site <https://sindical.sinprosp.org.br/> e na página inicial será encontrado um link para a emissão do boleto. O professor deverá informar seu CPF e a instituição onde leciona, bem como o seu salário. O programa cal-

culará o valor a ser pago até o dia 30/4. O sindicato lembra que, por questões operacionais, o pagamento não poderá ser feito antes de duas horas depois que o boleto for emitido. Os professores da PUC-SP que mandaram a carta de intenção autorizando o pagamento tiveram a contribuição descontada em folha no pagamento deste mês.

Novo site da APROPUC no ar

O site da APROPUC esta de cara nova, com um novo visual. Todas as informações podem ser localizadas nas páginas, que seguem o conceito de interação em

tempo real, conectando-se às diversas plataformas das redes sociais. O site também traz uma página com a memória fotográfica da APROPUC e da PUC-SP.

Depe lança mais um boletim

O grupo de Pesquisa em Desenvolvimento e Política Econômica (DEPE), coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Correa de Lacerda, lançará no dia 9/4, às 18h30, na sala de reuniões da FEA (no primeiro andar do prédio

Novo) o número de abril de seu boletim. O periódico aborda neste número questões da conjuntura econômica brasileira e internacional, os primeiros 90 dias do novo governo e a proposta de reforma da previdência.

Funcionário participa de elenco de montagem teatral

O funcionário da SAE, e aluno do curso de Publicidade Matheus Moraes, participa do elenco da montagem de O Inspetor Geral, de Nicolau Gogol, que está em cartaz

no Teatro Commune, Rua da Consolação, 1218. A peça, que tem a direção e adaptação de Bernardo Berro, acontece todas as quartas-feiras, às 21h, até o dia 8/5.



DANIEL SHARP

Pesquisador e coordenador do Depto. de Música da Tulane University

09/04 14h
AUDITÓRIO APROPUC
RUA BARTIRA 407 PERDIZES

PALESTRA:

DO SAMBA DE COCO
A NANÁ VASCONCELOS
- percursos de pesquisa

PROMOÇÃO:

Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem